

5ª PARTE

ENTREVISTA

COMO E POR QUE SOU E NÃO SOU BIBLIÓFILO (2018)

ENTREVISTADO: Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes

ENTREVISTADORA: Hanna Sandy

«Hay quienes no pueden imaginar un mundo sin pájaro;
hay quienes no pueden imaginar un mundo sin agua;
en lo que a mi se refiere, soy incapaz de imaginar un
mundo sin libros».

Jorge Luis Borges

PERFIL

Nome. *Dr. Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes*

Idade. *83 anos*

Escolaridade. *Doutor em Sociologia e Pós-Doutor em História Antropológica... (França)*

Atividade profissional. *Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará*

BIBLIOFILIA

Como o Sr. conheceu a bibliofilia?

Na verdade, nunca participei efetivamente de ‘Bibliofilia’; mas desde minha infância sempre vivi às voltas com livro. E até minha Primeira Biblioteca pessoal, me foi enviada pelo Presidente da República GETÚLIO VARGAS, em resposta a uma cartinha que lhe enviei aí nos meus 8 ou 9 anos de idade. O acervo de livros na casa paterna era diminuto, mas havia uma obra maravilhosa, em vários volumes: *O TESOURO DA JUVENTUDE* – eu me deitava de bruços no chão, entre duas camas para me esconder da vigilância de meu pai (cuja preocupação maior era a feitura dos deveres escolares),

e mergulhava nos inúmeros ‘Livros’ que compunham essa obra: «Fábulas de ESOPHO», «O Livro dos Por quês», «História das coisas», etc. Daí para frente eu fui ampliando o acervo e meu horizonte de conhecimentos.

O que os livros e a leitura significam para o Sr.?

Essas indagações de largo espectro são perigosas, porque ou exigem longas explicações, ou sugerem respostas monossilábicas e tolas do tipo: **tudo!** Todavia, serei breve, respondendo indiretamente: quem ensina desde os 16 anos de idade e possui hoje uma biblioteca de cerca 30.000 títulos, dá para imaginar o que eles significam! Mas quero insistir em ‘por que afirmei que não sou propriamente um **bibliófilo**’, pois não presto um culto a livros raros: mesmo reconhecendo sua relevância nesse sentido, os livros são para mim instrumentos de trabalho e de fruição estética!

Como o Sr. realiza a aquisição de seus livros?

Outra questão que eu diria mal formulada, porque elide a questão básica do tempo ou das épocas. Na minha adolescência, por exemplo, não possuindo recursos próprios, usei alguns estratagemas de acesso aos livros [*excluído evidentemente a consulta a bibliotecas, como a do Lyceu do Ceará, a Biblioteca Pública, e mais tarde bibliotecas de universidades*]: 1) eu aprendi a encadernar livros, num manual de uma coleção portuguesa e com meu irmão mais velho – então, as pessoas traziam as obras e se me interessavam eu as lia antes de devolvê-las reparadas; como eu não possuía instrumentos adequados, portanto, sem prensa, etc., após costurar os cadernos, usava duas tábuas grossas e lisas, punha o volume entre as duas e por cima os dois grandes volumes do *Diccionario da Língua Portuguesa* de Candido de Figueiredo, sentava sobre o conjunto e ficava a estudar

ou a ler simplesmente; e para cortar as aparas das margens, levava o livro a uma gráfica perto de casa, onde um funcionário as cortava na guilhotina, pagando eu Cr\$0,50; 2) já no Curso Científico do Lyceu, como frequentava todas as principais Editoras e Livrarias de Fortaleza, eu recolhia os Catálogos, levava isso comigo ao colégio e apresentava-os a Professores e colegas estudiosos, eles assinalavam o que queriam adquirir, eu levava isso aos livreiros, estes encomendavam tudo em confiança, eu recebia os pagamentos integrais e repassava aos livreiros, com 10% do valor como pagamento de meu trabalho; assim, conseguia um fundo para aquisição do que mais tinha necessidade naquele momento, e não pesava no orçamento de meus modestos Pais. Até hoje, com Internet, Google, e tudo quanto é *media of mass communication*, recebo catálogos, boletins bibliográficos do País e do Exterior, e vou fazendo minhas aquisições diretamente, embora continue a frequentar livrarias... Quero chamar a atenção para um fato singular de Fortaleza naquela época, além de bons velhos sebos, ela sediava a maior parte das mais importantes editoras e livrarias do Brasil e até do exterior, ou seja possuíam escritórios de seus representantes oficiais: **Editora Globo** de Porto Alegre, **Companhia Editora Nacional**, **Edições Melhoramentos**, **Francisco Alves Editora**, **Edições de Ouro – Tecnoprint**, etc.; e *El Ateneo*, a maior livraria e editora de Buenos Aires, ficava nos altos da esquina da rua Major Facundo com rua Pedro Pereira, hoje é uma Casa dos Relojoeiros! E a facilidade com que então se importavam livros estrangeiros! Algumas das melhores obras que possuo em minha biblioteca foram adquiridas por esse tempo.

Como começou a sua biblioteca?

Já respondi acima como foi isso!

Qual o primeiro livro raro que o Sr. adquiriu? Ainda o possui?

Já afirmei que nunca me preocupei com a aquisição de ‘livros raros’. Já defini acima que significam os livros para mim: uma fonte de conhecimento, de lazer e de prazer e, como tais, constituem também objeto de fruição estética, sobretudo quando estes são bem editados, às vezes tão ricamente feitos quanto ao papel, às ilustrações, às fontes de caracteres e à arte gráfica em geral. Raridade pode ser real pelo tempo decorrido, mas também podem ser um artifício de *marchands*! Enfim, devo possuir ainda alguns livros “raros” pela criteriologia de bibliófilos profissionais e decerto alguns desses são algumas das obras que ganhei de Getúlio Vargas, o ditador, na minha infância.

O Sr. possui alguma outra coleção sem ser de livros (ex. gravuras, vídeo, fotografias)?

Tenho a impressão que a única coisa que eu organizo é a minha cabeça e um pouco meus sentimentos. Outra vez, na infância e princípio da adolescência, fiz coleções de ‘carteiras de cigarros’ – como se dizia então –, caixas de fósforos, tampinhas de garrafa, selos; construí com minhas mãos um pombal no quintal da casa paterna e durante mais de 7 anos percorria a pé a Fortaleza de então em busca de criadores de pombos raros de raças diversas... Paralelamente, ia crescendo minha biblioteca e, quando estudante em Paris (1959-1960), nas grandes férias de Verão, fiz longa viagem por vários países da Europa, tendo comprado na Alemanha boa máquina fotográfica com que me iniciei em fotografias documentais e estéticas; mas nunca cuidei de formar coleções e minhas gavetas estão cheias dessas fotos e gravuras, sobretudo populares; além disso, com meu interesse musical diversificado, possuo também um acervo significativo de discos de vários formatos, CDs, e vídeos..., e quadros originais ou em reprodução. Percorri então, visitando livrarias, bibliotecas, museus e

monumentos, inúmeras cidades, ou em vários momentos ulteriores residi, estudei, ensinei, pesquisei, participei de conferências, de Banca de Doutorado, etc., e adquiri obras e documentos,: Paris, Marselha, Havre, Montpellier, Grenoble, Avignon, Lyon, Toulouse, Nîmes, Strasbourg, Aix-la-Chapelle, Tours, Orleans, Poitiers, Bordeaux, Reims, Bretanha; Londres; Bruxelas, Louvain, Bruges; Amsterdam; Suíça: Bâles, Lucerna, Zurique; Salzburg (Áustria); percorri a Itália desde Veneza até Nápoles (e Herculano e Pompéia), e nesse longo percurso incluí Bolonha, Florença, Ravena, Perugia, Siena, Roma, etc.; Alemanha: Heidelberg, Colônia, Bonn, Berlim; Espanha: Barcelona, Madrid, El Escorial, Segóvia, Ávila, Toledo, Córdoba, Sevilla, Granada, Vigo; Argentina; México; EUA: Califórnia (Los Angeles, San Francisco, Berkeley, Riverside), Chicago, Boston, Nova York, Canadá, etc.

O Sr. possui alguma coleção temática? Como surgiu este tema?

Continuo reagindo ao seu viés, pois insisto em que não sou bibliófilo em sentido tradicional do termo, nem colecionador: a variada temática de minha Biblioteca (que é meu acervo dominante) possui um horizonte vasto de temas (ciências, lógica, epistemologia, matemática e estatística filosofias, história, sociologias, antropologias, política, economia, psicologias e psicanálise, artes e música, religiões, teatro, literaturas e suas teorias e divisões internas), e evidentemente alguns destes são dominantes e retratam meu percurso de vida e intelectual.

Quais os critérios do Sr. ao adquirir um livro para sua coleção?

Mais uma vez uma questão como esta não se coaduna com as narrativas e argumentos que expus acima! **Adquiro livro por seu conteúdo!** Você teria razão talvez em falar de ‘coleções’ se, por

exemplo, ir completando ao longo de seu lançamento os volumes da *História da Civilização Brasileira*, que Sérgio Buarque de Holanda *et Al.* organizaram; ou os volumes de *Os Pensadores* da Abril Cultural – todavia, considero isso por seu conteúdo e importância, mas não como “minha coleção”!

O Sr. procura conhecer o contexto histórico das obras que adquire?

Parece óbvio que sim, sobretudo se levarmos em conta as obras que se tornam **clássicos** de todas as culturas e nações!

Quais os critérios do Sr. ao adquirir um livro para sua coleção?

[REPETIDA]

Qual a sua aquisição mais recente?

Por coincidência, fiz uma aquisição recente de uma obra de grande formato e de grande valor, que se enquadra nesse critério: **DEBRET E O BRAZIL – Obra completa!**

O Sr. possui obras sobre Fortaleza?

Não só possuo dezenas de obras, fotos, ilustrações, documentos etc. sobre Fortaleza, como participo com contribuições minhas em obra relevante sobre a cidade.

O Sr. já realizou descobertas acerca da história de Fortaleza por meio de alguma obra em sua coleção?

Você se fixou nessa ideia de “coleção” a ponto de restringir o significado de **minha biblioteca**, mas enfim é coerente com o rumo restrito que traçou para seu estudo. Pelo volume de documentos que possuo a esse respeito, pelas discussões de que tenho participado,

conferências proferidas sobre o tema, estudos e observações pessoais, é óbvio que realizei alguns registros nesse sentido. De certo modo, em virtude de minhas atividades de professor e pesquisador ao longo de tantos anos *sou parte ainda que diminuta da história desta Cidade!*

Como é a sua relação com os livros?

Tentar responder a essa indagação seria **me repetir** em face dos vários comentários que expressei anteriormente.

Quais os cuidados que o Sr. toma para conservar a sua coleção?

Desde sempre e ao longo dos anos, na medida em que foram surgindo recursos – alguns deles tóxicos, que felizmente foram sendo substituídos –, e num clima equatorial propício ao desenvolvimento de pragas nocivas aos livros e documentos, uso com regularidade esses materiais defensivos. Sobretudo depois que deixei minha casa da Rua Tomás Acioly, 1505 (Dionísio Torres) e iniciei extenso registro e limpeza dos materiais para transportá-los para minha atual residência [Rua Dr. Márlcio Fernandes, 140 – Guararapes], constatei infelizmente a perda de cerca de 300 obras e inúmeros documentos de pesquisa histórica destruídos silenciosamente pelos cupins; daí para frente, nos últimos 14 anos, renovo contrato anual com uma Empresa de controle biológico de pragas, o que representa uma despesa altíssima.

Os livros do Sr. Possuem alguma marcação, como um ex-libris?

Desde meus primeiros livros, tenho o costume de assiná-los e datá-los, assim como, quando adquiridos fora de Fortaleza, registro o local da compra. E me espanto quando abro algum de meus livros e o descubro virgem, o que me dá a insegurança de ignorar **onde** e **quando** o adquirir!

Para o Sr. como é adquirir livros raros hoje em relação a quando o Sr. começou a sua coleção?

Não faz sentido responder a esse questionamento, pois já afirmei que, não obstante apreciar uma obra rara, eu não cuido disso em meu acervo e muito menos me preocupo em buscá-los, visto que **raro para mim é o conteúdo e a significação de um livro.**

O Sr. Frequenta sebos?

Sempre frequentei sebos (desde os antigos de Fortaleza, como Gurgel), e quase por toda parte no Brasil: Rio de Janeiro, Petrópolis, Nova Friburgo, São Paulo, Campinas, São José do Rio Pardo, Porto Alegre, Gramado, Florianópolis, Blumenau, Curitiba, Vitória, Belo Horizonte, Ouro Preto, Brasília, Salvador, Porto Seguro, Aracaju, Maceió, Recife e Olinda, João Pessoa e Campina Grande, Natal, Mossoró, Fortaleza, Sobral, Cariri, Limoeiro do Norte, Teresina, São Luís, Belém e Manaus. Paralelamente, quero assinalar ou narrar um fato que caracteriza minha conduta com relação a obras e documentos rarefeitos que busco em função de algum trabalho que esteja realizando: algum tempo atrás, estive em Lagoa Seca, localidade próxima de Campina Grande, participando (no antigo convento de Franciscanos alemães, transformado em pousada) de um simpósio sobre história da Igreja da região (NE); participava também do evento o Bispo de Guarabira que, no último dia, partia para visita pastoral de várias paróquias de sua diocese, e sem pensar muito decidi largar naquele instante minha passagem de volta e acompanhá-lo nesse percurso; meu interesse real era aproveitar a ocasião para, nas velhas paróquias da área do Brejo da Paraíba, coletar livros antigos e documentos (v.g., *As Missões Abreviadas*, etc.) sobre a **religiosidade popular**, que eu investigava então, e assim por onde passava nesse percurso de dois dias fui conseguindo doações ou empréstimos (de que depois tirei cópia e devolvi o original).

Para o Sr. O que é um livro raro?

Já disse isso anteriormente! Não pretendo me repetir.

Para o Sr. qual a importância de livros antigos, raros?

Dentro da perspectiva como os encaro, tais obras são relevantes como fontes e registros de épocas da história dos conhecimentos e das artes, bem como dos marcos de seu desenvolvimento.

O Sr. já realizou doações a arquivos/bibliotecas públicas?

Sim, com alguma frequência transfiro cópias de livros (de minha autoria ou de que participo, ou duplicatas de outras obras e periódicos, que adquiro), para bibliotecas como as do Instituto do Ceará (Histórico, Antropológico e Geográfico), da Academia Cearense de Letras, da UFC, da UECE, etc. E boa parte de duplicatas que recebo, eu as repasso para alunos de pós-graduação mais próximos e amigos. De vez em quando, levo algumas dessas obras minhas ou de outros autores e as sorteio em sala de aula.

O Sr. tem contato com outros bibliófilos? De que maneira?

Disponho de pouco tempo de frequentar os colecionadores de “obras raras”; mas sempre que a **Associação Brasileira de Bibliófilos** [criada aqui no Ceará e de que sou associado] promove algum almoço ou jantar de confraternização para seus membros, costumo participar, sobretudo, como ocasião de rever amig(a)os.

O Sr. compartilha da definição de Mindlin da bibliofilia como uma “loucura mansa”?

Ignorava esse aforismo de José Mindlin. Mas me tornei seu amigo, anos atrás, num sábado no meio da tarde, quando costumava passar pela Livraria do Gabriel, no centro, início da Rua Assunção:

fui entrando, e Gabriel, que estava sozinho na loja vazia, me chamou e fomos ao fundo da livraria, onde me deparei com um vetusto senhor, sentado num tamborete a fuçar velhos livros, e Gabriel, em sua exagerada hipérbole, me apresentou: – *Dr. Mindlin, quero lhe apresentar o maior intelectual do Ceará!* Eu ri daquele exagero, pois não se possui escala para medir tal fenômeno e considero sinceramente que há muitos estudiosos entre nós que são evidentemente mais relevantes do que eu. Ficamos amigos; e jantei ou almocei com ele doutras vezes que veio ao Ceará. Além disso, sou amigo e colega de Betty Mindlin, sua filha antropóloga.

Como o Sr. vê o futuro da bibliofilia em relação às tecnologias?

Não vejo nem pretendo ver, a despeito de ter escrito dois ou três artigos sobre essa questão. Mas penso que o objeto **livro** tende a se perpetuar, mesmo sob novas formas.